

SENTIDO DE FILOSOFIA EM DELEUZE: A CRIAÇÃO DE CONCEITOS

SENSE OF PHILOSOPHY IN DELEUZE: THE CREATION OF CONCEPTS

Ângelo Vandiney Cordeiro¹
Celso Kraemer²

Resumo: Neste artigo, perscrutamos as noções de Filosofia que percorrem alguns textos de Gilles Deleuze. Apresentamos o problema tendo como ponto de partida a própria definição de filosofia proposta pelo autor, o qual entende a filosofia como criação de conceitos. O objetivo da investigação bibliográfica é discutir o sentido de filosofia na concepção desse pensador contemporâneo. Analisamos inicialmente o modo pelo qual o autor em questão entende a filosofia, bem como a crítica que ele faz da tradição filosófica, a qual percorreu um caminho buscando uma verdade universalizante do saber. Seguimos a discussão entendendo a criação de conceitos, objeto norteador desse trabalho. Na abordagem, toma-se por base o livro, *O que é a Filosofia?* publicado em parceria com Félix Guattari em 1991, bem como outros textos em que sua noção de filosofia se explicita, como *Conversações*, publicado em 1990. No Brasil, consideramos os estudos de Silvio Gallo para auxiliar na abordagem, com destaque para seu livro *Deleuze e a Educação*, bem como, outros estudiosos da filosofia de Deleuze, tais como Roberto Machado e Renata Lima Aspis. A filosofia deleuziana situa-se no que se chama pensamento da diferença, ou seja, ele não pensa a filosofia como reveladora da verdade, ou a busca por uma representação fixa e imutável da realidade, ao contrário, a sua filosofia se opõe a tudo o que nega o devir e a multiplicidade, além de concentrar os estudos filosóficos na tarefa de produzir conceitos. Assim, a filosofia apresentada por Deleuze não busca soluções transcendentais ou verdades universais, mas devires em um campo de imanência.

Palavras-chave: Conceito de Filosofia; pensamento da diferença; Devir, imanência.

Abstract: In this article, we examine the notions of Philosophy that permeate some of Gilles Deleuze's texts. We present the problem taking as a starting point the very definition of philosophy proposed by the author, who understands philosophy as the creation of concepts. The objective of the bibliographical investigation is to discuss the meaning of philosophy in the conception of this contemporary thinker. We initially analyze the way in which the author in question understands philosophy, as well as the criticism he makes of the philosophical tradition, which followed a path seeking a universalizing truth of knowledge. We continued the discussion understanding the creation of concepts, the guiding object of this work. The approach is based on the book, *What is Philosophy?* published in partnership with Félix Guattari in 1991, as well as other texts in which his notion of

¹ Mestre em Educação pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB); graduado em História pela FURB e em Filosofia pelo Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE); professor da FURB. Email: avcordeiro@furb.br

² Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), E-mail: celsok@furb.br. Líder do Grupo de Pesquisa Saberes de Si, vinculado ao PPGE/FURB. Pesquisa filosofia contemporânea, epistemologias da educação, diversidade, direitos humanos, relações de saber-poder.

philosophy is made explicit, such as *Conversações*, published in 1990. In Brazil, we consider the studies of Silvio Gallo to assist in the approach, with emphasis on his book *Deleuze and Education*, as well as other scholars of Deleuze's philosophy, such as Roberto Machado and Renata Lima Aspis. Deleuzian philosophy is situated in what is called the thought of difference, that is, he does not think of philosophy as revealing truth, or the search for a fixed and immutable representation of reality, on the contrary, his philosophy is opposed to everything which denies becoming and multiplicity, in addition to concentrating philosophical studies on the task of producing concepts. Thus, the philosophy presented by Deleuze does not seek transcendental solutions or universal truths, but becomings in a field of immanence.

Keywords: Concept of Philosophy; thought of difference; Becoming, immanence.

Deleuze e a filosofia

Sendo um dos grandes nomes da filosofia francesa do Século XX, Gilles Deleuze, nascido em janeiro de 1925, iniciou sua carreira docente e profissional como professor de *Lycée*, equivalente aos três anos do nosso ensino médio, liceu de Amiens entre 1948 e 1952; Liceu Louis-le-Grande, 1955 a 1957. Posteriormente, lecionou em diferentes universidades da França: Sorbone, 1957 a 1960; Lyon, 1964 a 1969; Vincennes, 1969 até final de 1986, início de 1987, quando de sua aposentadoria. É em Vincennes que se concretiza seu talento inquestionável e excepcional como professor. Estudou pensadores como Hume, Espinoza, Kant, Nietzsche, Bergson, escrevendo, além de filosofia, sobre literatura, arte e cinema.

Teve como parceiro de escrita e produção filosófica, a partir de 1969, Felix Guattari. Com este, escreveu uma de suas obras mais conhecidas, *Capitalismo e Esquizofrenia*, Vol. 1 *O Anti-Édipo*, finalizado em dezembro de 1971; Vol. 2 *Mil Platôs*, publicado em 1980. Além destes, também Kafka (1975) e uma de suas últimas obras, *O que é filosofia?* publicada em 1991.

Como já anunciado, este artigo tem por objetivo perscrutar as noções de Filosofia que percorrem alguns textos de Gilles Deleuze. Isto implica identificar alguns dos caminhos que ele atravessou, ao longo de sua vida acadêmica, para construir e conceber um modo diferente de compreender a filosofia.

Ao refletir sobre o que é filosofia, o autor acredita que é uma questão para ser debatida “tardiamente, quando chega à velhice, e a hora de falar concretamente” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 9). Por esta razão, este artigo centra-se em um de seus últimos trabalhos para compreender o que é, para ele, filosofia.

Uma maneira de fazer filosofia, talvez a principal, para Deleuze, aproxima-se do trabalho criativo do artista: “a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos”

(Deleuze e Guattari, 1992, p. 11). Seu foco não é a superação de modelos de filosofia, pois “a filosofia consiste sempre em inventar conceitos. Nunca me preocupei com uma superação da metafísica ou uma morte da filosofia. A filosofia tem uma função que permanece perfeitamente atual, criar conceitos. Ninguém pode fazer isso no lugar dela” (Deleuze, 1992, p. 170).

O papel da filosofia, em produzir conceitos, denota a sua identidade enquanto produção de conhecimento pela via da invenção. Ao se fazer, ao ser pensado, o conhecimento filosófico, não deve furtar-se a esta tarefa, pois, a nenhuma outra ciência, ou forma de conhecimento cabe este trabalho.

O filósofo manifesta uma potência criadora na proposição de conceitos. Ele estaria tomado pela própria filosofia.

O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em *criar* conceitos. O amigo seria o amigo de suas próprias criações? Ou então é o ato do conceito que remete à potência do amigo, na unidade do criador e de seu duplo? Criar conceitos sempre novos é o objetivo da filosofia. É porque o conceito deve ser criado que ele remete ao filósofo como aquele que tem a potência, ou que tem sua potência e sua competência (Deleuze e Guattari, 1992, p. 13. Grifos no original).

O filósofo como criador implica também que a filosofia é, como tal, criativa, sem ser imune ao mundo, em sua própria existência. No trabalho do filósofo, “a criação de conceitos é, necessariamente, uma intervenção no mundo, ela é a própria criação de um mundo. Assim, criar conceitos é uma forma de transformar o mundo” (Gallo, 2003, p. 41). O que seria da filosofia e do pensamento filosófico sem a pretensão de transformação, de mudança e gosto pela novidade?

Como invenção, os conceitos não estão prontos para serem descobertos em algum lugar, no universo do conhecimento. O conceito é fruto do trabalho do filósofo. Desse modo, os conceitos têm a marca de seus criadores, com os problemas inerentes ao tempo em que foram criados. Por isso, todo conceito é imanente “à realidade, brota dela e serve justamente para fazê-la compreensível. E, por isso, o conceito pode ser ferramenta, tanto de conservação quanto de transformação.” (Gallo, 2003, p. 42).

Ao conceituar filosofia como criação de conceitos, Deleuze diferencia-se do entendimento de que a Filosofia seria a transmissão das ideias. Para ele, “a filosofia não é comunicativa, assim como não é contemplativa nem reflexiva: ela é, por natureza, criadora ou

mesmo revolucionária, uma vez que não pára de criar novos conceitos” (Deleuze, 1992, p. 170).

Na crítica à contemplação e à transmissão há, obviamente, uma recusa do platonismo, que estabeleceu uma distância entre as ideias e as coisas, propondo que elas fossem universais, ideais, inteligíveis transcendentais, existentes em si mesmas. Caberia, então, ao filósofo contemplar tais ideias, função propriamente filosófica do filósofo, e transmitir o conhecimento das ideias aos demais mortais, função político-pedagógica do filósofo. A contemplação, “mesmo dinâmica, não é criativa; consiste na visada da coisa mesma, tomada como preexistente e independente do próprio ato de contemplar, e nada tem a ver com a criação de conceitos” (Aspis e Gallo, 2009, p. 34).

Segundo Silvio Gallo, a recusa de Deleuze sobre a filosofia ser meramente comunicativa, é uma crítica ao modo de concebê-la de “Habermas com sua proposta de ‘razão comunicativa’, e Rorty com seu neopragmatismo, propositores de uma ‘conversação democrática’” (Gallo, 2003, p. 42). Para Deleuze, “criar não é comunicar mas resistir” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 179). Neste mesmo sentido, (Aspis e Gallo 2009, p. 34) também criticam a função meramente comunicativa da filosofia, pois “a comunicação pode visar apenas ao consenso, mas nunca ao conceito; e o conceito, muitas vezes, é mais dissenso que consenso”. Além disto, a reflexão é mais ampla, “não é específica da atividade filosófica: é possível que qualquer um (e não apenas o filósofo) reflita sobre qualquer coisa” (Aspis e Gallo, 2009, p. 34).

Desse modo, podendo a reflexão ser atribuição de qualquer outra área do conhecimento, ela não é a atividade principal da filosofia. Mesmo assim ela possibilita a reflexão pela criação de conceitos. Ao afirmar o trabalho da filosofia como produtora de conceitos, Deleuze entende que “o conceito é o que impede que o pensamento seja apenas uma simples opinião, um conselho, uma discussão, uma tagarelice” (Deleuze, 1992, p. 170).

Deve-se atentar, entretanto, à maneira específica de Deleuze entender o conceito. Diferentemente da tradição filosófica e científica, que sempre pensou o conceito como universal, por ser criação humana, a produção filosófica por conceitos não aceita a possibilidade de universalidade, “toda criação é singular, e o conceito como criação propriamente filosófica é sempre uma singularidade” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 15). Enquanto a tradição filosófica seguiu a via da *descoberta* de universais, processo no qual há um *congelamento* nos conceitos abstratos, Deleuze entende a filosofia entrelaçada com o mundo efetivo, sempre em devir e mudança, ou seja, a própria filosofia é entendida como um

fluxo inacabado. Assim, sua filosofia afirma-se no devir, no tempo em movimento, em problemas inerentes aos acontecimentos que se movem com o vivido dos humanos em devir.

Esse modo de pensar a Filosofia, partindo da criação de conceitos em um plano de imanência, se diferencia da forma como se fez filosofia ao longo da história. Percorrer a multiplicidade em um campo sem pontos fixos, sem sujeito e objeto, é um desafio para o próprio pensar, pensar o outrem, o distinto em suas conexões diversas, faz da atividade filosófica uma *fuga* dos modelos estáticos, generalizantes e abstratos da representação de universais e um mover-se na direção da efetividade das singularidades em devir; pensar afirmativamente as multiplicidades, o acontecimento.

Conceitos em Deleuze

Dada à filosofia a tarefa de ocupar-se em criar conceitos, como se conceitua o próprio conceito? Quais suas características no campo filosófico? Que tipo de conceito é um conceito filosófico?

Ao longo da história da filosofia, vários filósofos criaram seus conceitos, formularam sistemas filosóficos priorizando conceitos referentes ao seu tempo e cultura. A filosofia e a criação de conceitos se pertencem reciprocamente desde a gênese da própria filosofia. Mas que tipo de conceito se refere Deleuze? -

Não há conceito simples. Todo conceito tem componentes, e se define por eles. Tem, portanto uma cifra. É uma multiplicidade, embora nem toda multiplicidade seja conceitual. Não há conceito de um só componente: mesmo o primeiro conceito, aquele pelo qual uma filosofia “começa” possui vários componentes, já que não é evidente que a filosofia deva ter um começo e que, se ela determina um, deve acrescentar-lhe um ponto de vista ou uma razão (Deleuze e Guattari, 1992, p.27. Aspas no original).

A produção filosófica por conceitos exige uma reavaliação da própria maneira de fazer filosofia. Neste trilho conceitual, a filosofia, é encarada na multiplicidade, é aberta, não repousa em fundamentos fixos e, por isto, pode modificar-se constantemente.

Silvio Gallo ao emitir o que entende por conceito na produção do autor afirma,

o conceito não é uma representação, muito menos uma representação universal. Podemos definir o conceito, na visão dos filósofos franceses, como sendo uma aventura do pensamento que institui um acontecimento, vários acontecimentos, que permita um ponto de vista sobre o mundo, sobre o vivido (Gallo, 2003, p. 45).

Neste sentido, trabalhar com a possibilidade da produção de conceitos requer uma abertura para a multiplicidade, reavaliando constantemente o devir no desenrolar cotidiano da vida.

Para Deleuze “todo conceito remete a um problema” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 27). O campo conceitual parte de problemas, são eles que movimentam a história da filosofia, é preciso localizá-los, reinventá-los e a partir deles, com eles, produzir conhecimento filosófico, pois:

Um problema filosófico está constituído fundamentalmente por questões abertas que podem encerrar uma variedade de respostas e essas respostas nunca se apresentam como definitivas, mas sempre podem apresentar novas possibilidades. Os problemas filosóficos são conceituais, não empíricos (Freitas e Maquine, 2018, p. 136)

Os problemas desencadeiam aberturas para pensar e criar. A filosofia pensada a partir de problemas apresenta possibilidades de novas criações. Os próprios conceitos criados pelos filósofos precisam corresponder a um problema, ou seja, a que problema um conceito ao ser criado se refere? Ao criar os conceitos o filósofo está mergulhando em problemas que a própria criação responde, ou se refere. Portanto, a criação de conceitos precisa estar diretamente ligada a um problema, sem problema, não se criam conceitos.

Outra característica desta forma de fazer filosofia é que “todo conceito tem uma história” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 29) e é precisamente na história que é possível encontrar os cruzamentos dos vários conceitos. A produção “depende de encontros, encontros são roubos e roubos são sempre criativos; roubar um conceito é produzir um conceito novo” Gallo, 2003, p. 30). O “roubo”, não é apenas se apossar de um conceito já desenvolvido, mas a partir dele, com a reflexão que ele propõe, reinventá-lo e potencializá-lo em outras direções. O professor Roberto Machado (2014)³, corrobora o que afirma Silvio Gallo, ao afirmar que Deleuze extraiu conceitos de outros filósofos, ou seja, ele faz filosofia a partir de outros filósofos e outras áreas como literatura, cinema e história, mas tem a coragem de pensar por si, com base na história e em outros pensadores.

As produções acontecem em meio às dispersões e deslocamentos históricos, desterritorializados. Por isso, ao produzir conceitos, os filósofos precisam estar atentos a problemas que já perpassaram e ainda perpassam a história, não para negá-los, mas para interpretá-los à sua maneira, dentro de diferentes possibilidades e devires, pelos quais os

³ Palestra de Roberto Machado na Universidade Federal do Acre, para o Seminário Temático Filosofia e Linguagem, no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, proferida em 01 de abril de 2014. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=tmmrtLORBA

conceitos são atingidos, por ligações do presente, do seu acontecer. Isto demonstra outra característica do conceito, o devir.

Por ser inerente ao devir, “o conceito diz o acontecimento, não a essência ou a coisa” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 33), sendo assim, “todo conceito é, pois, sempre, um acontecimento, um dizer o acontecimento; portanto, não se diz a coisa ou a essência, mas o evento, o conceito é sempre devir” (Gallo, 2003, p. 49). Devir é um processo que ocorre na multiplicidade, ele diz algo que acontece sem uma verdade ou uma referência universal, ou sena, apresenta um sentido ao acontecer.

O conceito é também “heterogênese, isto é, uma ordenação de seus componentes por zonas de vizinhança. É ordinal, é uma *intensão* presente em todos os traços que o compõem” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 32. Grifos no original). Opondo-se às noções de conceito universalistas e abstratas, em Deleuze e Guattari

Ele é o ponto de coincidência, de condensação, de convergência de seus componentes que permitem *uma* significação singular, *um* mundo possível, em meio à multiplicidade de possibilidades. Dessa forma, uma filosofia não deve jamais ser vista como sistema, como resposta absoluta a todas as perguntas, mas como respostas possíveis a problemas possíveis num determinado mundo vivido. Horizonte de eventos (Gallo, 2003, p. 48. Grifos no original)

Por trabalhar com as multiplicidades, filosoficamente não se produz certezas universais, mas possibilidades. Inúmeros eventos envolvem o homem ao mesmo tempo. Eles precisam ser interpretados e neste processo ocorre a criação de novos conceitos, ou até mesmo a retomada, modificação e reorganização de antigos conceitos.

Pensar a filosofia como produtora de conceitos requer pensá-los como sendo absolutos e relativos ao mesmo tempo, “absoluto em relação a si mesmo, relativo em relação a seu contexto” (Gallo, 2003, p. 49). Na identificação de problemas, ocorre a emergência de acontecimentos. No plano destas possibilidades, os conceitos se cruzam, sendo “relativo a seus próprios componentes, aos outros conceitos, ao plano a partir do qual se delimita, aos problemas que se supõe deva resolver” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 33). Mas é absoluto na medida que impõe soluções, ou “põe-se a si mesmo e põe seu objeto, ao mesmo tempo em que é criado” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 33). Ele é absoluto em operar, em ocupar um lugar, mas não pode ser entendido como universal, pois ele trabalha com a singularidade.

Por fim, “o conceito não é discursivo, e a filosofia não é uma formação discursiva, porque não encadeia proposições” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 34). Neste entendimento, é

preciso fugir da ideia transmitida pela lógica e pela ciência, pois os conceitos não são proposições de caráter científico, eles são geradores de possibilidades, são como encruzilhadas que partem de todos os lados, não apontam um caminho verdadeiro, mas criam maneiras de pensar, de organizar o plano no qual se vive. Para os autores,

Os conceitos são centros de vibrações, cada um em si mesmo e uns em relação aos outros. É por isso que tudo ressoa, em lugar de se seguir ou de se corresponder. Não há nenhuma razão para que os conceitos se sigam. Os conceitos, como totalidades fragmentárias, não são sequer os pedaços de um quebra-cabeça, pois seus contornos irregulares não se correspondem. Eles formam um muro, mas é um muro de pedras secas e, se tudo é tomado conjuntamente, é por caminhos divergentes (Deleuze e Guattari, 1992, p. 34)

A filosofia por conceitos imprime um saber disposto a lidar com a totalidade dos acontecimentos, mas não se atendo a ideia de capturá-los em si mesmos, até porque esse em si mesmo não faz parte da filosofia imanente, onde acontece a produção conceitual. O conceito “é um operador, algo que faz acontecer, que produz” (Gallo, 2003, p. 50). Devemos entender o conceito, não como uma entidade que está para ser desvendada. Ele não está aí para ser descoberto, ele se faz, se cria, acontece, flui, portanto, não tem existência independente das condições que emerge e de quem o cria.

o conceito é um dispositivo que faz pensar, que permite, de novo, pensar. O que significa dizer que o conceito não indica, não aponta uma suposta verdade, o que paralisaria o pensamento; ao contrário, o conceito é justamente aquilo que nos põe a pensar. Se o conceito é produto, ele é também produtor: produtor de novos pensamentos, produtor de novos conceitos; e, sobretudo, produtor de acontecimentos, na medida em que é o conceito que recorta o acontecimento, que o torna possível (Gallo, 2003, p. 52).

A filosofia, pensada a partir da criação de conceitos, é aberta e se assenta no devir, em possibilidades, na história, que é cheia de contradições, cruzamentos, bem como, traços opostos e esfacelados. Neste campo imanente, horizontal e aberto ocorre a produção filosófica na perspectiva deleuziana. Para ele, “o plano da imanência não é um conceito pensável, mas a imagem do pensamento, a imagem que ele se dá do que significa pensar, fazer uso do pensamento, se orientar no pensamento” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 53).

Para Deleuze, os conceitos são criados e movimentam o pensar filosófico, eles não estão em consonância com universais, mas com a pluralidade, não são verdades eternas ou metafísicas a serem descobertas e reveladas pela razão, mas devires que ocorrem em um plano de imanência. Assim, Deleuze apresenta uma nova forma de fazer Filosofia, que privilegia a

criação de conceitos, mas não de conceitos prontos e acabados, ele estimula a criatividade que caracteriza “o pensamento filosófico como criador, porque faz nascer alguma coisa que ainda não existia, alguma coisa nova” (Machado, 2009, p. 15). Essa é a singularidade da filosofia frente a outros tipos de conhecimentos, ser criação e invenção de conceitos filosóficos, traçando uma conexão direta com a vida.

Portanto, Deleuze define que é atividade específica da filosofia criar conceitos, é pela produção de conceitos que se apresenta a novidade, que movimenta o pensamento. Com essa definição, precisamos entender, como esses conceitos são criados? Que mecanismos Deleuze utiliza para criar os conceitos e produzir conhecimento filosófico?

Os conceitos são criados a partir de problemas, colocados sobre um plano de imanência. Esse plano é o próprio solo dos conceitos, portanto, da filosofia, e é traçado pelo filósofo tendo como elementos: o tempo e o lugar em que vive, suas leituras, suas afinidades e desavenças... É nesse plano que surgem os problemas e são os problemas que movem a produção conceitual (Aspis e Gallo, 2009, p. 39)

A atividade criadora que é a filosofia na perspectiva deleuziana acontece em um plano de imanência. “O plano é como um deserto que os conceitos povoam sem partilhar” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 52). No plano a multiplicidade é contemplada, fazendo nascer a novidade com variações em todas as direções e é assim que ocorre a criação. Portanto os conceitos são criados no plano de imanência, ou seja, os conceitos ocupam o plano.

Roberto Machado (2009) mostra que Deleuze cria os conceitos de duas maneiras: conceitos extraídos ou oriundos e conceitos suscitados. Os conceitos tidos como extraídos ou oriundos são provenientes da história da filosofia, são retirados de pensadores que Deleuze estudou e criou conceitos a partir deles,

Os principais desses conceitos são: vontade de potência, niilismo, eterno retorno de Nietzsche; multiplicidade, tempo puro, diferença de natureza, gênese, virtual, atual, atualização de Bergson; univocidade, imanência, intensidade de Espinosa (Machado, 2009, p. 18).

Deleuze privilegiou conceitos extraídos de filósofos que estudou ao longo de sua produção filosófica. Ele se apropria desses modos de pensar e cria seus conceitos com base nesses pensadores, apresentando uma filosofia da diferença. Segundo Roberto Machado (2015)

ÂNGELO VANDINEY CORDEIRO
CELSO KRAEMER

O que Deleuze fazia com perfeição, humor e delicadeza era entrar no pensamento de outro para explorar sua potência, sua força, a partir da explicitação das questões e problemas que ele mesmo pretendia pensar, sempre atento à relação que esse pensador estabeleceu com a vida, para utilizá-lo na criação de sua própria filosofia (Machado, 2015, p. 04).

Essa forma de pensar, tendo por base outros pensadores, não significa apenas a afirmação de conceitos concebidos, mas se apoderar deles para poder pensar diferente, “A grande alegria produzida por um curso de Deleuze provinha do fato de estarmos presenciando alguém usar a filosofia como foi feita por outros e os saberes de outros domínios para pensar por si próprio com prodigiosa intensidade” (Machado, 2015, p. 04).

Ao pensar amparado por pensadores que ele privilegiou e pela história da filosofia, Deleuze mostra uma maneira de fazer filosofia que afirma a diferença em detrimento da identidade, a desterritorialização em oposição aos territórios fixos e já trafegados.

Portanto, quando Deleuze repete o texto de um pensador, não está buscando sua identidade; está querendo afirmar sua diferença. E é esse procedimento capaz de criar um duplo sem semelhança, um duplo que deve comportar uma modificação, é esse procedimento de apropriação e modificação das ideias dos pensadores que ele toma como aliados que permite dar conta do diferencial próprio ao seu pensamento, do que constitui sua singularidade como filósofo. (Machado, 2015, p. 15)

Já os conceitos suscitados são provenientes de formas de pensamentos exteriores à filosofia, como aqueles que são sugeridos pela literatura, pelo cinema, pela arte, pela música, pela matemática, dentre outros.

há conceitos suscitados ou sugeridos pela relação entre conceitos filosóficos e elementos não conceituais provenientes de domínios exteriores à filosofia: por exemplo, o que fez Proust com meios propriamente literários, Bacon com meios picturais, Godard com meios cinematográficos, mas também a linguística de Hjelmslev ou o cálculo diferencial será importante para a criação de conceitos da filosofia deleuziana (Machado, 2009, p. 18).

Deleuze coloca a filosofia no mesmo patamar que outras áreas do saber. Para ele a filosofia não está abaixo ou acima de outros saberes, fato esse, que pode ter contribuído para ele desenvolver conceitos tendo por base outras áreas do conhecimento humano, as quais foram utilizadas para pensar e produzir conceitos filosóficos. Assim, “o não filosófico entra como elemento que vem alimentar um pensamento eminentemente voltado para a filosofia e até mesmo para os conceitos tradicionais da filosofia” (Machado, 2009, p. 19).

O que é suscitado por áreas externas à filosofia serve para produzir conceitos filosóficos, é uma maneira que possibilita um pensamento novo, mas filosófico, tendo como fonte elementos sugeridos de outras formas de pensamento. Deleuze transforma produções das diversas áreas, subordinando-as sob a perspectiva de seu modo de pensar e fazer filosofia, não conservando as identidades, ou a fixidez dos conteúdos suscitados, mas situando-os em espaços de diferenças, não é uma especialização em algo que já foi pensado, mas pensar com o que já foi pensado e a partir dele apresentar a novidade.

Pode-se sintetizar a maneira singular Deleuziana de pensar a filosofia, que

[...] se caracteriza por uma retomada criadora de pensamentos que relaciona e agencia por expressarem, em maior ou menor grau, a diferença. Ela incorpora conceitos de filósofos que considera aliados, transforma em conceitos elementos não conceituais de cientistas, literatos e artistas que podem servir de intercessores, mas, ao proceder à repetição de um pensamento como uma modificação e uma inflexão no sentido de sua própria maneira de responder à questão do exercício diferencial do pensamento, também está criando a diferença (Barbosa, 2022, p. 107).

Pensar a diferença na repetição, pensar a repetição enquanto diferença, eis a contribuição nada singela de Deleuze. Este dado é tão amplo e profundo que significa um começo diferente para a própria filosofia, não mais pensar o Mesmo, o abstrato, o universal, mas as singularidades, as multiplicidades, os devires.

Considerações finais

Ao longo desse texto discutimos a concepção de filosofia em Deleuze, que tem como base a criação de conceitos. Percorremos leituras que mostraram e evidenciaram essa forma criadora de pensar. Perpassamos o entendimento de conceito enquanto imanência e multiplicidades. Indicamos como, em Deleuze, os conceitos são criados e de onde eles têm sua emergência, para esse pensador.

Deleuze inova ao problematizar e apresentar uma nova maneira de pensar os conceitos e, com isto, uma maneira singular de fazer filosofia. Ele não se mostra interessado em combater a histórica forma de proceder dos filósofos ao produzirem seus sistemas filosóficos, mas destoa da tradição, promovendo um sentido novo de se relacionar com o conhecimento filosófico, amparado pela criação, pela produção de conceitos.

Esse novo modo de se relacionar com a filosofia é um convite a mergulhar nas possibilidades, que promovem fugas, que envereda por caminhos inesperados, por devires que escapam da fixidez e transitam em cruzamentos sem fim, mas que geram conexões rizomáticas.

Pensar com e a partir de Deleuze requer um deslocamento para o imanente. A imanência, enquanto chão percorrido por ele é o que lhe proporciona deslocamentos, devires e diferença. Esse é o diferencial de sua obra filosófica. Ele encaminha e apresenta a novidade criadora a partir da leitura de filósofos e outras temáticas externas à filosofia, acrescentando e fazendo surgir algo diferente do que já está posto em quem ele se ampara. Deleuze propõe uma nova abordagem para o pensamento filosófico propondo a criação de conceitos sem pressupostos, representação ou essências imutáveis, como prescrevia a tradição filosófica amparada no pensamento platônico.

Esta contribuição fundamental de Deleuze para a filosofia merece a atenção, nestes dias em que os universais parecem se esfacelar e a pós-verdade nos ameaça. Fazer frente ao atual contexto requer novos começos para a filosofia. Deleuze é uma promessa nestes enfrentamentos.

Referências

ASPIS, Renata Lima e GALLO, Silvio. *Ensinar filosofia: um livro para professores*. São Paulo: Ata Mídia e Educação, 2009.

BARBOSA, Mariana de Toledo. “Roberto Machado, Gilles Deleuze e a filosofia”. *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência*, Rio de Janeiro, v. 15, nº 1, p. 105-122, 2022

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Palbart. – Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Lisboa: Relógio D’Água Editores, novembro de 2000.

FREITAS, Flávio Luiz Castro e MAQUINE Luciano Santiago: “O conceito de filosofia como problema filosófico no ensino médio”. *SABERES*, Natal RN, v. 19, n. 2, agosto, 2018, p. 134 – 144.

GALLO, Silvio. *Deleuze & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MACHADO, Roberto. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

MACHADO, Roberto. *O professor e o filósofo*. Revista Trágica: Estudos de Filosofia da Imanência – 2º quadrimestre de 2015 – Vol. 8 – nº 2 – pp.01-15.

MACHADO, Roberto. “Linguagem e identidade”. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=tmrtLORBA, Acre, 2014. Acesso em 19 de julho de 2023.

Data de submissão: 27/05/2024

Data de aprovação: 16/07/2024